

SOCRÁTICOS

Sócrates deve ter sido uma personalidade ao mesmo tempo fascinante e inapreensível, pois atraiu para seu meio, numerosos indivíduos que adotaram posições filosóficas muito contrastantes. A extrema diversidade dessas posições só se explica pela profunda ambiguidade de seu ensinamento e de seu modo de viver. A exceção de Platão que estabeleceu a hipótese de realidades transcendentais, únicas a permitir um conhecimento verdadeiro (as chamamos de “formas inteligíveis”, os outros discípulos de Sócrates limitaram suas interrogações ao mundo sensível. As posições que estes últimos adotaram variam, entretanto, sobre pontos fundamentais: os Megáricos põe em evidência a impossibilidade, para a razão, de apreender adequadamente o devir; os Cirenaicos insistem no fato de que a finalidade da vida reside na busca dos prazeres que somente os sentidos estão em medida de nos fornecer, enquanto que os Cínicos levam uma vida feita de exercícios (sentido próprio da palavra “ascese”), de treinamentos destinados a afrontar os sofrimentos que a Sorte e a Natureza podem infligir ao homem.

MEGÁRICOS

Não podemos determinar em que data se situa a fundação desta Escola, qual foi sua localização verdadeira, a identidade de seus membros e a natureza do vínculo que os unia. A unidade da Escola parece depender do prestígio pessoal de alguns mestres admirados e célebres.

Euclides de Megara (daí o nome de megáricos) é considerado o fundador desta Escola. Segundo Diógenes Laércio (autor de uma obra intitulada *Vidas e opiniões dos filósofos*, escrita entre 225 e 250 d.C), quando Euclides combatia as demonstrações de seus adversários, não questionava as premissas, mas a conclusão. Euclides não intervinha no desenrolar da argumentação, aguardava a conclusão que ele então atacava. Além disso, recusava o raciocínio por semelhança, pois este raciocínio se apoia sobre realidades semelhantes ou sobre realidades dessemelhantes; se se trata de realidades semelhantes, mais vale se ocupar das próprias realidades em questão, se se trata de realidades dessemelhantes, a aproximação é gratuita.

No domínio da ética, Euclides demonstrava que o bem é uno, apesar dos nomes múltiplos que a ele damos, tais como: prudência, deus, inteligência, etc. Quanto aos contrários do bem, ele os suprimia dizendo que não existiam. Admitir a unidade do bem, não significa negar a pluralidade dos seres que manifestam o bem. Mesmo se a unidade das manifestações e dos nomes do bem são problemáticos, o fato de afirmar que os contrários do bem não existem pode significar somente que é recusado ao mal e a suas manifestações o estatuto de realidade autêntica. O mal é apenas imaginação ou aparência, assim como o movimento e o devir.

Eubúlides de Mileto (século IV a.C.) é bem mais célebre do que Euclides de Megara (não confundir com Euclides de Alexandria, autor dos *Elementos*). Teria sido o inventor dos argumentos do Velado, do Mentiroso, do Chifrudo e do Sorite. Todos tendendo, ao que parece, a mostrar que não podemos encontrar na experiência nenhum predicado determinado, nenhum sujeito imutável. Consequentemente, a atribuição de um conceito geral e abstrato a um sujeito individual e concreto se torna impossível. Resta somente o argumento de identidade.

O argumento do Mentiroso se apresenta assim. Um homem declara “eu minto”: se é verdade, é falso e se é falso, é verdade. Aristóteles ao combater este argumento apresentou a seguinte solução. A contradição desaparece quando reconstruímos o argumento apontando para o fato que podemos mentir em geral, mas podemos dizer a verdade sobre um ponto particular. O argumento ficaria assim: “eu digo a verdade quando digo que minto”, desde então a verdade em questão não é mais absoluta, mas relativa a um conteúdo determinado.

O argumento do Velado se desenvolve assim:

Você conhece seu pai? Sim

Você conhece esse homem coberto com um véu (velado)? Não

Mas este é seu pai, logo você o conhece e não conhece, ao mesmo tempo.

Segundo Aristóteles, o vício do argumento reside no fato de ligar dois predicados estabelecidos em momentos diferentes como se fossem simultâneos. Mais fundamentalmente, o erro consiste em atribuir ao sujeito (o pai) um predicado (o fato de ser desconhecido) que é, na verdade, um acidente deste mesmo sujeito (o fato de estar velado).

O argumento do Sorite (“monte” *soros* em grego antigo) e o do Careca:

Dois grão não constituem um monte, três grão também não, a partir de quantos grãos poderemos falar de um monte?

Se arrancamos um fio de cabelo de um homem que tem muitos, ele não se torna careca, se arrancamos um segundo, um terceiro fios, ele ainda não se torna careca. Mas chegará um momento em que estaremos diante de um careca, mas a partir de quantos cabelos arrancados poderemos dizer que estamos na presença de um careca?

Estes argumentos põem em evidência dois pontos: constatar não é explicar e recorrer a noções como devir, ação do tempo é apenas um artifício que não responde às exigências do conhecimento racional.

O argumento do Chifrudo tem esta forma:

O que você não perdeu, você tem? Sim

Você perdeu chifres? Não

Portanto você tem chifres.

Contra o argumento se diz. O sim respondido à primeira pergunta é ambíguo, pois ele significa para quem responde que aquilo que ele possui aquilo que já possuía e não perdeu. Há uma reversibilidade forçada entre argumentos. Partindo da proposição “se você perdeu algo, você não o tem”, obtemos por contraposição “se você possui algo, você não o perdeu” e não ‘se você não perdeu algo você o possui’, como quer o argumento.

Diodoro de Cronos é autor do conhecido argumento do Soberano (em algumas traduções conhecido como argumento Dominador). Para Diodoro não podemos fazer nenhuma distinção entre o possível e o real. Para ele só é possível o que será real. Os acontecimento que ocorrem eram já necessários, e os que não ocorrem sempre foram impossíveis. Se assim não fosse se derivaria algo impossível do que é possível.

Diodoro procura eliminar do discurso a indeterminação que o impede de funcionar, aceitando somente os “enunciados eternos” e só considerando como verdadeiros argumentos contingentes, mas passados.

A posição que defendem os megáricos parece clara. Somente a razão é digna de fé. Os megáricos só querem conhecer da realidade o que dela a razão atinge e dela fala, ou seja, sua unidade e sua permanência. Negam toda realidade do sensível, sendo as ideias apreendidas exclusivamente pela razão, sem qualquer relação com o sensível. Nenhuma relação pode ser estabelecida entre as realidades racionais e as que são presumidamente conhecidas. Somente a razão permite atingir a realidade, as representações relacionadas ao sensível não têm consistência.

CIRENAICOS

Aristipo de Cirene (daí o nome de cirenaico) teria vivido de 435 a.C a 350 a.C e foi, segundo Diógenes Laércio, o fundador dessa escola., mas tudo leva a crer que as doutrinas relativas ao conhecimento e ao prazer que chegaram até nós sob o qualificativo de “Cirenaicas” não remontam diretamente a Aristipo. Não se sabe se escreveu algo, pois alguns atribuem a ele mais de trinta escritos, ao passo que outros afirmam que seu ensinamento foi puramente oral. A tradição diz que sua filha Arete herdou seus pensamentos e os teria transmitido ao filho dela, Aristipo (era habitual dar o nome do avô ao neto na Grécia antiga). Daí o neto ter ganho a alcunha de Metrodidata (aquele que recebeu ensinamentos da mãe). Diógenes aponta que a escola segue três direções distintas sob o comando de Heguásias (séc III a.C), Aniceris e Teodoro, o ateu.

A doutrina do conhecimento

Plutarco ao estudar a doutrina dos Cirenaicos expôs: “eles dizem que somos afetados pelo doce, o amargo, o frio, o calor, a luz, a obscuridade sendo dado que cada uma dessas afecções possui em si mesma uma evidência que lhe é própria e que não pode ser contestada. (...) No que diz respeito às afecções em si mesmas, a opinião permanece isenta de erro, mas quando ela se aventura além e se põe a estabelecer um juízo sobre as coisas exteriores e se pronuncia sobre elas, na maior parte dos casos ela se confunde e se encontra em conflito com a de outros indivíduos em que as mesmas coisas produzem afecções opostas e representações diferentes”

Se o juízo só pode se tratar das afecções internas, isso significa que o único interesse da epistemologia é a esfera das sensações fornecidas pelos cinco sentidos. Assim sendo, os Cirenaicos se caracterizam pelo fato que põem o acento sobre as modificações do sujeito pela realidade exterior, e não sobre a relação entre essas modificações e a realidade exterior,

A doutrina ética

Os Cirenaicos distinguem dois tipos de afecções: o prazer, definido como um movimento doce; a dor, definida como um movimento rude, áspero. O prazer é a finalidade da vida, pois o prazer é objeto de desejo para todo ser vivo, enquanto que a dor é objeto de repulsão e isso sem deliberação e desde a mais tenra infância. O prazer é aqui entendido como prazer dos sentidos e este prazer se distingue quantitativamente, já que todo prazer é bom mesmo se é obtido por uma ação vergonhosa.

Os Cirenaicos estabelecem uma distinção entre a finalidade da vida e a felicidade (eudaimonia): a finalidade da vida é o prazer, enquanto que a felicidade pode se definir como sendo a totalidade dos prazeres dos quais tivemos e que teremos a experiência; deste modo, o passado e o futuro, que por definição são excluídos do prazer corporal, podem ser reintroduzidos.

Na prática o sábio deve agir em conformidade com as leis para evitar sanções que prejudiquem a busca do prazer, afinal: nada é, por natureza, justo, bom ou mau, mas somente segundo a lei e o costume. No entanto, o sábio evitará fazer o que quer que seja que leve a sanções ou a uma má reputação.

CÍNICOS

Essa escola recebe seu nome, segundo alguns autores, do vocábulo cão. Segundo Diógenes Laércio o nome deriva do fato de Antístenes, tido como fundador da escola, ensinar no Cinosargo, ginásio próximo aos pórticos meridionais de Atenas.

Filosofia voltada para a prática, o cinismo é menos conhecido pelos pouquíssimos e esparsos fragmentos de texto que nos chegaram do que pelos testemunhos, mesmo que tardio, dos modos de vida e das discussões travadas entre os cínicos e seus adversários.

Antístenes de Atenas (ca 444 a.C. - 365 a.C.) que era muito próximo de Sócrates viveu no período do auge da sofística e teria sido um discípulo de Górgias. Diógenes Laércio lhe atribui em torno de 74 escritos e afirma que eram interpretações alegóricas, sobretudo de tipo moral, de figuras míticas, como Hércules.

Antístenes nega a possibilidade da contradição, nada pode ser designado senão por seu *logos* próprio, único para cada coisa. Assim sendo, se torna impossível dizer o falso, pois a fórmula única que designa o objeto segundo sua natureza não admite a possibilidade de ser contradita. A descoberta desse *logos* próprio a cada coisa passa por uma discussão em que a diversidade do discurso é levada em conta.

Diógenes de Laércio – que propõe a sucessão Sócrates-Antístenes-Diógenes de Sinope-Crates como sendo a matriz do pensamento cínico (sucessão hoje em dia bastante questionada) – aponta alguns procedimentos filosóficos de Antístenes. Para ele a única segurança a qual o homem pode pretender, repousa sobre a virtude de sua alma que, por sua vez, depende da solidez dos raciocínios que desenvolve. A verdadeira riqueza de um homem reside em sua alma e não nos bens que possui. A finalidade da vida é viver conforme à virtude, somente os que praticam a virtude podem ser chamados de sábios. Somente limpando as ideias sobre o bem e o mal que a sociedade,

com seu lote de costumes e convenções inculcou no homem, pode ele se tornar apto para o conhecimento. Mas, para bem agir não basta o conhecimento, é preciso também uma força que é obtida com treinamento físico. Eis porque Antístenes fazia do sofrimento um bem, pois ele exigia uma força para ser enfrentado. Poderíamos definir a moral de Antístenes como sendo a síntese de seus dois componentes: de um lado o racionalismo socrático insistindo na sabedoria prática, de outro lado a força de Hércules.

Diógenes de Sinope (ca 413 a.C – 327 a.C.). Permanece em questão o fato de ter ou não sido discípulo de Antístenes, mas não há dúvida de que exerceu em Atenas que ensinou e praticou o modo de vida típico dos cínicos.

Diferentemente de um treinamento intelectual que pretenderia a aquisição de um saber e que exigiria muito tempo e um longo aprendizado, a ascese (exercício, treino) cínica seria uma via curta em direção à virtude e, portanto, em direção à felicidade. Em Diógenes a razão está em segundo plano, o essencial da moralidade reside na força vinda do treinamento e que permite a passagem ao ato. Ele não recusa a educação, mas a educação que propõe é uma educação voltada para o sofrimento e para a virilidade, uma educação da vontade fundada sobre o domínio do corpo. De Antístenes, Diógenes abandonou o racionalismo e conservou a força. Denuncia a inutilidade das armas, sugere que ossos substituam a moeda, prega a antropofagia, a comunidade das mulheres e das crianças, a liberdade sexual total, inclusive o incesto. Tendo abandonado todo racionalismo e recusando toda medida no seu modo de viver e de se comportar, Diógenes pode ser considerado como um “Sócrates enlouquecido”, conforme o dito de seu adversário Platão.

Crates de Tebas (florescimento em 326 a.C.). Discípulo de Diógenes, manteve a ideia de que o treinamento físico assegura a saúde do corpo e também manteve a ideia de um endurecimento diante dos prazeres. Uma finalidade moral guia o treinamento corporal: o desprezo dos prazeres e a prática da virtude. A ele é atribuída vasta produção literária, principalmente no campo da poesia.

O cinismo é marcado, portanto, como um movimento contestatório que procura reverter valores compartilhados. A forma mais evidente de contestação é percebida no comportamento. O filósofo tem a barba e os cabelos longos e sujos, anda descalço e não se separa de seu manto encardido e de seu bastão.. Ele come, urina, se masturba e faz sexo em público. Tudo isso porque, segundo os cínicos que consideram a lógica e a física como ensinamentos inúteis, a finalidade da filosofia é a felicidade que se identifica à vida conforme a natureza, o que implica a rejeição da opinião da massa. O sábio cínico atinge assim a autarquia, pois não precisa de riquezas nem de civilizações nem está a mercê da sorte. O domínio de si socrático se torna autarquia entre os cínicos.

(texto adaptado de Luc Brisson)

BIBLIOGRAFIA

BRISSON, Luc. “Les Socratiques”. In. CANTO-SPERBER, Monique (Dir). *Philosophie grecque*. 2ª ed (rev.). Paris: PUF, 1998.

FERRATER MORA, José. *Dicionário de filosofia*. 2ª ed rev e aum. Trad: Maria Gonçalves, Adail Sobral, Marcos Bagno e Nicolas Campanário. São Paulo: Loyola, 2004.